

O QUE PENSAM PRODUTORES E JOVENS FILHOS DE PRODUTORES DE LEITE SOBRE A ATIVIDADE LEITEIRA

Sergio Rustichelli Teixeira¹
William Fernandes Bernardo²
Marne Sidney de Paula Moreira³

Resumo

O objetivo deste artigo é relatar a opinião sobre a atividade leiteira de produtores visitantes da Embrapa Gado de Leite no Campo Experimental em Coronel Pacheco entre 2004 e 2008 e de jovens filhos de produtores cooperados do sistema da Organização da Cooperativas do Estado de Minas Gerais (OCEMG), participantes em 2011 do programa “Capacitação de jovens cooperativistas em produção de leite”, oferecido pela Embrapa Gado de Leite. A metodologia empregada consistiu de entrevistas por telefone com produtores que visitaram a Embrapa Gado de Leite e entrevistas individuais presenciais associadas a reunião de grupo focal (RGF) com os jovens. Na RGF foram usados dados das entrevistas presenciais com jovens. Percebe-se que há uma maior motivação dos jovens que estão se preparando para ingressar na atividade, em relação aos produtores que visitaram a Embrapa Gado de Leite. Estes últimos eram menos otimistas em relação à pecuária de leite, apesar de estimularem seus filhos a se formarem em profissões agropecuárias.

Palavras-chave: agricultura familiar, Embrapa, jovens rurais, leite, sucessão, transferência de tecnologia

¹ Embrapa Gado de Leite. sergio.teixeira@embrapa.br

² Embrapa Gado de Leite. william.bernardo@embrapa.br

³ Embrapa Gado de Leite. marne.moreira@embrapa.br

THE THOUGHTS OF FARMERS AND FARMER'S SONS ABOUT DAIRY

Abstract

The objective of this paper is to describe the point of view about milk production, cooperatives and personnel future from dairy farmers that visited Embrapa Dairy Cattle in the experimental field in Coronel Pacheco between 2004 and 2008 and young people, son of cooperative farmers from Minas Gerais State Cooperative Organization (OCEMG) system, participants in 2011 of the program "Training of young cooperators in milk production," offered by Embrapa Dairy Cattle. The methodology consisted of interviews by telephone with farmers that visited Embrapa Dairy. With young people the interviews were individual face to face followed few days by focus group meeting (FGM). At the FGM were used data of face to face individual interviews with them. It is possible to notice that there is a positive thinking and motivation to dairy from young people interviewed, they are preparing themselves for the activity. The interviewed farmers were less motivated. However, they stimulate their sons to graduate in agricultural professions.

Key-words: Embrapa, Family Agriculture, Production, Sucession, Tranference of Tecnology

1. INTRODUÇÃO

O Censo agropecuário de 2006 contou cerca de 1,3 milhões de produtores de leite no Brasil, sendo 80,7% familiar e 19,3% patronal (IBGE, 2006). A agricultura familiar, além do número de pessoas envolvidas, representa cerca de 10% do PIB brasileiro, parcela bastante expressiva, considerando que a participação do agronegócio situa-se ao redor de 30% do PIB da economia brasileira (GUILHOTO, 2007). Entretanto, na agricultura familiar, estudos mostram cenários de descontinuidade na atividade agropecuária por dificuldades de sucessão. Essa situação em propriedades leiteiras se manifesta tanto nos locais tradicionais de produção (BERNARDO, 2009) como nas áreas de assentamento (MONTEIRO, 2008; MARTINS, 2008). Bernardo (2009) verificou que o trabalho na atividade leiteira possui características que reduzem o interesse do jovem, como a penosidade do trabalho, a longa jornada "de sol a sol" e a exclusão de direitos trabalhistas, como carteira assinada e férias, quando trabalham para a família. Pesquisas mostram que aquele

que permanece na atividade é “quem não sabe fazer nada” (BERNARDO, 2009), ao contrário daquele(a) que “deseja ‘ser alguém na vida’, o que significa não ser agricultor” (CARNEIRO, 2008, p. 249). Esta visão negativa em relação ao pouco conhecimento de quem trabalha no campo não corresponde ao que ocorre na atividade leiteira. Este ramo profissional é altamente complexo exigindo o domínio de conhecimentos diversos como economia, agricultura, zootecnia, construção rural, gestão de pessoas e administração financeira em um ambiente de incertezas. Entretanto, a aproximação dos espaços rurais e urbanos em termos de oportunidades profissionais tem ampliado as expectativas dos jovens rurais para além das fronteiras do trabalho na agricultura (CARNEIRO, 2005). Ao contrário do que aponta o senso comum, o trabalho na agropecuária é muito desafiador em termos profissionais e, também por esta característica, os resultados desta pesquisa mostram que a atividade tem potencial de atração profissional de jovens.

Uma das alternativas do setor leiteiro para fortalecer seu principal ator, seja o próprio produtor ou os(as) jovens ligados a atividade, é usar o modelo cooperativista, definido como “uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida” (SEBRAE, 2012). As cooperativas agropecuárias no Brasil tiveram origem em 1907, em Minas Gerais, com o objetivo de eliminar os intermediários da produção agrícola, cuja comercialização era controlada por estrangeiros. O cooperativismo agropecuário já se estendeu a todo território nacional. As cooperativas de leite no Brasil são um modelo organizacional importante para garantir competitividade e sustentabilidade ao setor assim como acontece nos principais países produtores de leite no mundo (OCB, 2012). Além da importância econômica, a organização dos produtores em cooperativas tem alto valor social, pois parte significativa dos produtores cooperados tem características típicas de pequena produção. A Organização das Cooperativas de Minas Gerais (OCEMG) desenvolve ações de motivação de jovens filhos(as) de produtores cooperativados quando, por exemplo, organiza para este público o curso sobre pecuária de leite na Embrapa Gado de Leite. Ao mesmo tempo a Embrapa está cada vez mais preocupada em ouvir os atores do setor produtivo, sejam eles jovens ou adultos. Esta postura está em consonância com uma mudança política em nível mundial para a valorização do indivíduo nos processos de construção da cidadania, o que envolve

ações participativas. Há uma crescente popularização dos métodos de pesquisa de opinião e métodos participativos. Autores como Durston (1998) e Carneiro (2008) defendem que há falta de compreensão da importância do envolvimento dessas pessoas, os atores do setor produtivo envolvidos em um setor. Os desafios para pesquisa, neste sentido, são melhorar a integração dos atores de um setor produtivo, em inglês chamado de *stakeholders*, com as atividades de pesquisa e em desenvolver abordagens que facilitem a integração de dados, conhecimento intrínseco e conhecimento explícito (WALKER, COWELL et al. 2001). A dificuldade de agrupar produtores em torno de uma cooperativa ou associação surgiu nas entrevistas e RGF da presente pesquisa. Como compreender esta dificuldade de integração?

Há várias correntes teóricas que buscam entender as motivações que impulsionam a formação e a manutenção de organizações sociais (OLSON, 1999). Na vertente tradicional alguns especialistas como Georg Simmel e Arthur Bentley acreditam na tendência natural ou instinto do ser humano em agregar-se. Outros, como Maclver e Talcott Parsons, devotam este padrão ao caráter evolutivo da espécie humana em sociedade. Para estes últimos, os sindicatos, associações e cooperativas seriam uma forma superior de organização que substituiu com êxito as funções da família para dar conta dos interesses individuais em sociedades primárias. Ao contrário desta vertente tradicional associada ao instinto ou à evolução, a corrente teórica defendida por Mancur Olson compreende a ação coletiva como uma forma de racionalidade orientada à obtenção de ganhos individuais máximos. A ação racional e utilitarista dirigida a fins pessoais é contra à ideia altruísta de um grupo de pessoas que age em benefício coletivo. Olson acredita em algumas premissas para o bom funcionamento de um grupo: a) pessoas com interesses individuais comuns; b) grupos pequenos; c) existência de dispositivo de coerção e/ou de incentivo. No primeiro aspecto, o grupo tem condições de fornecer ao indivíduo ganhos superiores ao que conseguiria se estivesse isolado. Este autor acredita que “os grupos pequenos são mais eficientes e viáveis do que os grandes” (OLSON, 1999, p. 15). Quanto a este aspecto, o autor faz a ressalva de que nos grupos pequenos há a “tendência à exploração do grande pelo pequeno na partilha dos custos dos esforços para atingir um objetivo comum” (OLSON, 1999, p. 15). Em relação ao último aspecto, Olson argumenta que os grupos, ao menos que sejam muito pequenos, se formam e se mantêm pela coerção sobre os membros ou incentivos individuais, ainda que ofereça vantagens para o grupo.

A Embrapa Gado de Leite, que atua desde a década de 1970 com ações de transferência de tecnologia (TT), vem ampliando o envolvimento dos atores do setor leiteiro no Campo Experimental José Henrique Bruschi (CEJHB), em Coronel Pacheco – MG. Este público vai à Embrapa Gado de Leite para participar de cursos, palestras e dias-de-campo, cujo público é formado por produtores, estudantes, técnicos e jovens filhos de produtores de leite. Para saber a opinião de algumas destas pessoas foram feitas entrevistas por telefone e presenciais. Este artigo tem como objetivo descrever e analisar o que produtores e jovens filhos de produtores, visitantes da Embrapa Gado de Leite no CEJHB pensam sobre a atividade leiteira, expectativas sobre o futuro, sucessão na atividade e cooperativismo.

2. MÉTODOS

Para elaborar este artigo buscou-se duas bases de dados: a) 853 produtores de leite que visitaram a Embrapa Gado de Leite e participaram de eventos técnicos no CEJHB entre 2004 e 2008. O perfil de volume de produção destes produtores é resumidamente descrito na tabela 3 b) 23 jovens filhos de produtores ligados a OCEMG que participaram de um curso no CEJHB em julho de 2011. Inicialmente a OCEMG solicitou curso para jovens filhos de produtores de leite. A partir desta demanda a Embrapa Gado de Leite pediu à OCEMG que fossem selecionados jovens que realmente estivessem interessados no curso. Do primeiro grupo, 141 produtores responderam uma entrevista por telefone. Do segundo grupo, os 23 jovens participaram de uma entrevista presencial e de uma Reunião de Grupo Focal (RGF). A RGF é uma forma de entrevista coletiva que visa discutir, em cerca de duas horas, pontos de vista dos participantes a respeito de um tema específico. A entrevista é definida por Romanelli (1998) como uma relação didática criadora de uma forma de sociabilidade específica e limitada no tempo, para levantar os dados pretendidos. Cabe ao entrevistador alcançar em pouquíssimo espaço de tempo uma pré-disposição do entrevistado em contribuir com o assunto da entrevista. Segundo Rosa e Arnoldi (2008) a confiabilidade da informação é alcançada através da geração de empatia entre o entrevistador e o entrevistado. A forma de apresentação do entrevistador é fundamental para a criação deste clima positivo. Por exemplo, em uma entrevista por telefone, o primeiro passo é a apresentação formal rápida da instituição que o entrevistador(a) representa e o

objetivo da entrevista⁴. Por questão ética, na entrevista presencial e na RGF, o(a) participante tomou conhecimento e assinou o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) que, dentre outros termos, garantia o sigilo de sua identidade na publicação dos resultados da pesquisa.

Na Reunião de Grupo Focal (RGF) foram formados dois grupos: um de 11 (grupo 1, com maior escolarização) e outro de 12 jovens (grupo 2, com menor escolarização). Esta técnica, oriunda da pesquisa de mercado, promove nos entrevistados estímulo para participar, liberdade de expressão e ao pesquisador facilita o alcance de sinergia e a obtenção de informações mais qualificadas por parte dos entrevistados sobre os temas abordados (ZIMMERMANN E MARTINS 2008). Na análise dos dados as respostas referentes às questões fechadas foram categorizadas, codificadas, tabuladas pelo programa BioEstat e analisadas estatisticamente pela frequência das respostas. Nas questões abertas, onde o entrevistado tem maior liberdade de se expressar, foi feita a análise de conteúdo. Este método se refere a análise qualitativa de palavras, símbolos, ideias, temas ou qualquer mensagem que tenha sido comunicada por meios verbais e não-verbais (NEUMAN, 1999). Os “temas” agrupam uma série de opiniões com significado similar. Os temas-chave foram determinados antes ou durante as primeiras análises. Abaixo, seguem as metodologias e os temas dos dois trabalhos que serviram de base para este artigo.

Entrevista de produtores - Entre 2004 e 2008 foram cadastradas 853 visitas de produtores ao CEJHB. Optou-se por procurar estes produtores a partir dos telefones registrados na “ficha de cadastro” dos visitantes. Para a escolha da realização das entrevistas por telefone foi considerado o resultado dos estudos de Warwick e Lininger (1975) que apontam a estratégia de entrevistar por telefone como a que alcança maior retorno em comparação com o envio de questionários pelo correio, onde o retorno é de cerca de 10%. Foram entrevistados 141 produtores (16,5% do total) com concentração em Minas Gerais, de onde veio a maioria dos visitantes (52%)⁵. A estes foram feitas perguntas relativas aos temas atividade

⁴ Uma situação vivenciada neste trabalho trouxe ensinamento. A entrevistadora perguntou a mulher que atendeu o telefone: “O Sr. ‘José está?’” A mulher imediatamente ficou aborrecida imaginando se tratar de uma amante e não uma entrevistadora que procurava pelo seu marido.

⁵ A meta era entrevistar por telefone 222 produtores (calculado a partir de fórmula de tamanho finito de amostra – população de 853 produtores visitantes) $n = \sigma^2 \cdot p \cdot q \cdot N / e^2(N-1) + \sigma^2 \cdot p \cdot q \rightarrow 1 \cdot 81 \cdot 19 \cdot 86 / 22 (853-1) + 1 \cdot 81$

leiteira, tecnologias utilizadas, sucessão, além das impressões sobre o trabalho.

Entrevista de jovens - Foram entrevistados 23 jovens, todos do sexo masculino, que participaram de treinamento sobre a atividade leiteira no CEJHB em julho de 2011. Os temas centrais da pesquisa foram o treinamento recebido, percepção sobre cooperativismo e sobre a “sua” cooperativa, sucessão associada à continuidade na atividade e percepção individual e coletiva sobre a atividade leiteira. O processo de entrevistas foi realizado em duas etapas:

1ª Etapa – Entrevista individual. Esta etapa presencial foi realizada pelos autores do artigo em espaço reservado no início das atividades do curso. As entrevistas tiveram o objetivo de entender o contexto em que os entrevistados estão inseridos em seus locais de origem e garantir a confiabilidade dos dados. As entrevistas limitaram-se aos assuntos relacionados ao objetivo do trabalho e abordaram: onde trabalha, onde pretende trabalhar, produção na propriedade da família, escolaridade do jovem, participação da família e do jovem na cooperativa. A entrevista envolveu algumas perguntas fechadas, que foram trabalhadas estatisticamente em termos de frequência de resposta, e perguntas abertas para captar ideias relativas a expectativas sobre o futuro, sucessão na atividade, cooperativismo. A análise dos dados foi feita antes da segunda etapa do processo de entrevistas - a reunião de grupo focal - para que nesta ocasião fosse possível identificar e aprofundar nos temas-chave que emergiram na entrevista individual.

2ª Etapa – Reunião de Grupo Focal (RGF). O grupo de jovens foi dividido em dois, segundo critério de escolaridade e com o limite de 12 participantes por RGF.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Jovens – Os dados mostram que 78,2% destes jovens trabalham (tabela 1), sendo que deste percentual somente 3,8% não está em alguma atividade ligada ao campo. Dos que trabalham na atividade, 26,2% executam tarefas em diversas áreas da propriedade e 17,5% contribuem com a gerência da mesma. Entre os 12 jovens do grupo com grau de escolaridade mais baixo, dois se manifestaram contra continuar na atividade. No grupo

. 19 = 222. Entretanto, só foi possível encontrar 141 produtores para entrevista.

de 11 membros com maior grau de escolarização os jovens disseram ser capazes de trabalhar em diversas áreas além da atividade leiteira e não acreditam que permanecer no campo é uma “obrigação cultural”. No grupo de 12 jovens que atualmente reside na cidade, somente cinco pretendem continuar na cidade no futuro. Entre os 23 jovens, 78,5% afirmam que conseguem encontrar emprego na cidade-sede de seu município. Isso se reflete na escolha de suas atividades futuras, pois todos os entrevistados desejam executar atividades ligadas à agropecuária. Segundo eles, a rotina pesada da produção leiteira é compensada pela possibilidade de estar em uma atividade que eles gostam e da qual são donos e acreditam que, se bem trabalhada, é satisfatoriamente rentável. Este resultado reflete o interesse de todos os entrevistados em continuar em atividades rurais no futuro e o plano da maioria em continuar trabalhando na pecuária leiteira (Tabela 2).

Tabela 1 – Trabalho dos jovens na atividade leiteira

Itens	(%)
Tudo/geral	26,2
Ordenha e manejo	17,4
Pecuária de leite/agricultura	4,2
Gerente da propriedade	17,5
Téc. Agrícola	5,2
Estagiário “Balde Cheio”	4,0
Outro	3,8
Não se aplica	21,7
Total	100,0

Tabela 2 – Projeto de trabalho do jovem no futuro

Itens	(%)
Continuar na fazenda/gerente	39,1
Autônomo	17,4
Assistência técnica	18,4
Agrônomo	8,5
Veterinário	8,2
Agronegócio	4,2
Gado de corte	4,2
Total	100,0

Analisando a Tabela 3 observa-se que quase a metade das propriedades de origem dos jovens em estudo (41,3%) produz mais que 500L. Nesta mesma faixa de produção (500 l/dia) há 13,3% dos produtores que visitaram o CEJHB e 1% dos produtores de leite do Brasil. Na faixa de até 100 litros por dia há 10,9% dos jovens visitantes, 33,8% dos produtores visitantes, mas 91,5% dos produtores do país. Estes dados indicam que os produtores que visitaram o CEJHB tem produção por dia maior do que a média dos produtores brasileiros (IBGE, 2006). Os jovens entrevistados representam produtores que estão ainda mais acima das estatísticas nacionais. Estes dados, além de qualificar expressar os limites intrínsecos do presente trabalho – papel imprescindível da pesquisa –, reforçam que a busca pela informação técnica e profissional é desigual. Há uma seletividade de público que tem acesso à ciência, ainda que pela via de uma instituição pública que oferece o conhecimento de forma gratuita.

Tabela 3 - produção média diária (L)

Faixa de produção	Jovens ⁶ (%)	Produtores ⁷ (%)	Produtores no Brasil ⁸ (%)
1 a 50	0	10,6	91,5
51 a 100	10,87	23,2	
101 a 300	34,78	26,1	7,8
301 a 500	8,69	26,8	
501 a 1000	21,72	9,1	0,5
Mais de 1000	19,56	4,2	0,5
Não se aplica	4,38	0,0	
Total	100,00	100,0	100,0

Entre os jovens entrevistados, 72,2% ainda estão estudando seja o nível fundamental, médio ou superior. Deste grupo, 46,5% se dedicam a formação na área agropecuária e se mostraram interessados em sua formação profissional e buscam por conhecimentos técnicos na atividade leiteira. Entre outras profissões não agropecuárias estão administração ou biologia. Estes consideram que, com o suporte de uma bagagem teórica e técnica, a atividade leiteira pode ser rentável. “A formação profissional só vai me ajudar a mexer com leite”. Sobre este aspecto, na RGF, os jovens declararam receber incentivo dos seus pais para terem uma formação de nível superior. Alguns afirmam que este incentivo é maior do que para continuar com a produção leiteira. Entretanto, os jovens demonstraram que o maior motivo para que continuem sua formação é o fato de acreditar que a educação formal auxilia na execução da atividade leiteira para que esta seja mais profissional e rentável. Sobre o treinamento na Embrapa Gado de Leite os jovens ressaltaram alguns pontos.

⁶ Percentual dos jovens participantes de entrevistas e RGF nas devidas faixas de produção diária (litros/dia) das propriedades dos pais.

⁷ Percentual de produtores entrevistados por telefone nas devidas faixas de produção diária (litros/dia).

⁸ Dados do IBGE (2006).

“A interação com técnicos e outros jovens no treinamento ajudou a melhorar a prática para fazer (produzir) mais barato ou mais fácil [...] aprendi técnicas na Embrapa para adaptar na propriedade da forma que puder e mais barato [...] tive visão futura de mercado de leite [...] gostei de ter a parte teórica pela manhã e a tarde prática. As vezes coisas que não foram faladas na sala foram mostradas na prática. As vezes dúvidas da sala foram respondidas na prática”.

O conteúdo prático e pragmático ficou evidente nos depoimentos. O aprendizado de alto valor é associado à aplicação imediata para a solução dos problemas prementes. Uma declaração de um jovem foi confirmada por vários outros jovens.

“O produtor fica no leite porque tem dinheiro todo mês. [Assim] o produtor vive e tem uma paixão. [Depositante e investindo] no banco tem renda maior, mas leite tem paixão”. Um jovem afirmou: “nasci ali e vou morrer ali”.
O jovem fala sobre o pai: “Se eu vender a fazenda metade da minha vida vai embora”.

O apego afetivo pela atividade leiteira ficou claro entre os jovens e, pelo depoimento deles, também está presente em seus pais. A decisão de separar os entrevistados para a RGF de acordo com o nível de escolaridade e separar parentes forneceu dois possíveis perfis de futuros produtores. Os que têm um nível superior de educação consideram aspectos educacionais associados às informações de mercado, gerencia e qualidade do leite como fundamentais no exercício da atividade leiteira, como mostra a declaração a seguir. Os de nível médio ou técnico têm preocupações mais relacionadas com a atividade dentro da propriedade.

“O produtor está deixando de ver o leite como autossustentável, entretanto a propriedade é uma empresa com conexões externas e conhecimento interno de tecnologias, portanto tem que ter noção de administração, de genética, de mercado. Tem que investir [...]”.

Segundo depoimentos, 87% dos seus pais participam ativamente das cooperativas a que pertencem, sendo que a maior parte desta participação se concentra em reuniões e gestão (39,1%)

e eventos técnicos (17,4%). Por outro lado, reportaram que a maior parte dos produtores de leite que conhecem não se manifesta nas reuniões das cooperativas e reclamam da atividade fora deste ambiente, sem buscar soluções práticas.

“Falta união, falta participar da cooperativa [...] não vão às reuniões, tem até prêmio para participar das reuniões, mas o produtor não vai [...] enquanto isso o mercado tá engolindo [o produtor]”.

Identificou-se também que 65,2% dos jovens entrevistados são ativos em suas cooperativas, concentrando a participação em eventos técnicos (30,4%). Uma das principais críticas feitas por eles às cooperativas para seu crescimento é a falta de programas que incentivem os jovens para o ingresso na rotina do cooperativismo. A cooperativa, na visão destes jovens, é o mecanismo que pode fortalecer a classe, unir os produtores, trazer benefícios em relação à competitividade e orientar sobre a atividade leiteira, tanto em produção quanto em gestão. Estes jovens acreditam que parte do motivo pelo baixo pagamento do leite deve-se ao fato de que os produtores, na maior parte dos casos, não estão devidamente unidos e organizados como classe e não levaram tão a sério aspectos como qualidade do leite. Uma vez identificadas e fortalecidas as vantagens de uma cooperativa e o comportamento desejável do cooperado, os entrevistados acreditam que eles próprios serão mais proativos que seus pais. As três afirmativas a seguir dão uma ideia de quanto o envolvimento dos jovens seria importante para o fortalecimento das cooperativas.

“A chance que nós temos é maior do que a dos mais antigos, porque nossa geração é mais aberta enquanto os mais antigos são mais fechados”. “A cooperativa é a única saída de nós produtores para criar força e seguir em frente [...] força para brigar com o mercado [...] temos que defender a cooperativa”. “Em 10 a 20 anos seremos nós na presidência das cooperativas, e o futuro começa agora [...] no futuro os produtores serão mais proativos [a palavra proativos fazia parte de uma das perguntas da reunião], mais participativos [...] é preciso fazer propaganda na região para que o pessoal da região compre da cooperativa [...] união da região”.

Perguntados sobre como deve ser a atitude das cooperativas um jovem respondeu: “a cooperativa deveria procurar produtor por produtor para saber sua situação e posição com relação a cooperativa [...] Precisa também fazer pesquisa de mercado para planejar”. Neste caso, o discurso aponta que a iniciativa para aumentar a participação coletiva deve partir também da cooperativa.

Ficam perguntas para serem estudadas pelas cooperativas com base nos resultados deste estudo e nas características peculiares de cada instituição em seus locais: Porque as reuniões das cooperativas não são atrativas? Porque não há participação? Quando presentes, porque os produtores não se manifestam? Olson (1999) interpretaria esta situação pela ausência de interesses comuns entre os indivíduos, pelas distorções de distribuição de ganhos que ocorrem em pequenos grupos e pela falta de coerção e/ou incentivo sobre os indivíduos. Certamente faltam investigações mais acuradas nas cooperativas para melhor conhecer os processos envolvidos nestes grupos sociais que possam auxiliar a responder as perguntas acima.

Os jovens entrevistados utilizam de diversos meios para informar-se sobre a produção e, talvez por isso, articulam com facilidade conceitos sobre mercado e gerenciamento da produção. Muitos deles acreditam que mudanças efetivas na produção em direção à especialização ocorrerão somente quando estes assumirem suas propriedades, considerando que os produtores mais antigos desconfiam de novas técnicas e são apegados aos métodos tradicionais de produção. A maior parte dos jovens que participaram da pesquisa não administra e nem possui a sua propriedade.

O assunto sucessão não teve contribuições imediatas dos participantes da RGF, mesmo não havendo parentes dentro de cada grupo entrevistado que pudessem causar constrangimento. Os depoimentos foram pouco significativos e mostraram que os jovens possuem posições diferentes sobre sucessão. Entretanto, entre alguns jovens participantes a sucessão parece ser positiva tanto para a continuidade quanto para a importância de ser produtor de leite, depoimentos:

“Tenho um amigo que falou que quando o pai morrer vai vender [...] gente que tem a cabeça na estrada”. “Eu e meu irmão, já faz cinco anos, cada um tem uma propriedade, mas temos vínculo com o pai. Ele ajudou demais. A continuidade acontece como sócios”. “O pai da gente não quer que a

produção pare ali [...] nós temos a visão de continuidade.”

Produtores - A maior parte dos produtores que teve os cadastros avaliados e que foi entrevistada por telefone (86,6%), possui uma propriedade com produção de até 500 litros de leite por dia, sendo 73% deles da região Sudeste do Brasil. A gerência da propriedade é predominantemente exercida pelo produtor. Para produtores entrevistados a atividade leiteira é desestimulante porque é instável, a rentabilidade da atividade é baixa e não podem oferecer maior qualidade de vida a suas famílias. Segundo eles, a permanência na atividade se deve ao fato de acreditarem que esta é a única atividade que se sentem capazes de realizar. Por outro lado, no que parece uma posição antagônica, mostram apego à atividade, muitos por herdarem esta profissão e o patrimônio material de seus antepassados. Os produtores entrevistados incentivam a educação formal de seus filhos mesmo em profissões ligadas ao campo, profissões consideradas por eles como “garantia de futuro”, equivalente a ideia de ter uma profissão.

Não foram coletados dados relativos à participação dos produtores entrevistados em cooperativas. Entretanto, alguns produtores entrevistados se queixam da falta de instituições e/ou organizações a que eles pudessem recorrer para discutir e solucionar problemas das mais variadas ordens, incluindo mercado e tecnologias. Relataram que visitaram o CEJHB com objetivos bem definidos: ver tecnologias capazes de dar resposta às suas situações específicas. Ao final da entrevista demonstraram satisfação com o que viram e discutiram por ocasião da visita à Embrapa Gado de Leite.

4. CONCLUSÕES

A seleção de jovens ligados à produção mostrou um grupo que acredita na atividade como opção profissional, diferente do que foi observado por alguns autores. Suspeita-se que este fato decorre do perfil dos jovens que participaram do curso. A tabela 3 evidencia que este grupo tinha origem em uma faixa de produtores com produção muito acima da média nacional. A visão da pecuária de leite deste grupo era muito positiva, talvez pela expectativa de obtenção de renda maior pela escala de produção e pelas condições de trabalho mecanizado com contratação de mão-de-obra. Neste caso o horizonte de trabalho do jovem é mais gerencial, qualificado e menos penoso. Acreditam também no cooperativismo como forma de fortalecimento da atividade e da classe produtora. Conclui-se que o

estimulado dos pais para que os filhos escolham profissões ligadas ao campo têm origem na tradição familiar, reforçada pela visão de de ter na educação formal uma vantagem a mais do que aprender o ofício na prática do dia-a-dia.

Os produtores⁹ entrevistados se mostraram desestimulados com a atividade leiteira, por considerá-la instável, com baixa rentabilidade e pouco capaz de oferecer melhor qualidade de vida para suas famílias. Trabalham com leite porque “não sabem fazer outra coisa” para manter um patrimônio material e simbólico familiar. Acreditam que o baixo valor do leite se deve à falta de união dos produtores, ao mesmo tempo que, segundo opinião dos jovens entrevistados, produtores não participam das reuniões ou tomem atitudes de organização para mudar a situação. Produtores reclamam que falta apoio para discutir problemas das propriedades. A dificuldade da cooperativa em lidar com as expectativas dos seus cooperados, conforme foi constatada na presente pesquisa, está em acordo com o que discutiu Olson (1999). Na perspectiva deste autor, a leitura dos dados aponta que a racionalidade da ação do cooperado é utilitarista e dirigida ao máximo ganho individual. Apesar destas posições desestimulantes, os produtores apresentam um paradoxo: incentivam os filhos a estudarem no ramo das profissões agropecuárias, ainda que não seja para ser praticada em sua propriedade. Esta situação aponta para uma continuidade, como um projeto do filho paralelo ao do produtor. Na perspectiva do filho: se tudo der errado nos meus planos profissionais paralelos, retorno à propriedade. Na perspectiva do pai produtor: se dudo der certo, meu filho (ou minha filha) assume e dá continuidade à propriedade. As razões podem estar ligadas, dentre outros fatores, à manutenção da herança material e cultural da família.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, W. F. **Pluriatividade entre produtores de leite de Guiricema e Ubá: reflexões para a ação extensionista**. 2009. 159 p. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural. DER. Universidade Federal de Viçosa, 2009.

CARNEIRO, M. J. Juventude rural: projeto e valores. In: **ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.) Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 243-261

⁹ Vale lembrar, mais uma vez, que estes produtores não são os pais dos jovens entrevistados

CARNEIRO, Maria José. Juventude Rural: projetos e valores. In: **ABRAMO, H. W; BRANCO. Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, 448 pp.

DURSTON, John. Juventude Rural, Modernidade e Democracia: desafio para os noventa. In: **Juventude e Desenvolvimento Rural no Cone Sul Latinoamericano.** Série Documentos Temáticos. RS. Brasil. Junho 1994. Apud Carneiro, 1998.

FONSECA, M. T. L. da. **A extensão rural no Brasil, um projeto educativo para o capital.** São Paulo: Ed. Loyola, 1985, 192 p.

GUILHOTO, J. J. M. et al. **PIB da Agricultura Familiar: Brasil - Estados.** Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). NEAD Estudos 19. Brasília, 2007.172 p. Disponível em: <http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/PIB-AFamiliar_x_Patronal-2002-2005.pdf> acesso em: 25 mai. 2011

IBGE. **Banco de Dados Agregados.** IBGE, Brasília, DF, [2006]. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

MARTINS, M. **Juventude e reforma agrária: o caso do assentamento rural Paz na Terra, RJ.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), CPDA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2008. Disponível em: <http://bdtd.ufrj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=967>. Acesso em: 1 ago. 2010.

MONTEIRO, V. de F. C. **Os jovens do assentamento poções em Rialma-GO e o campo de possibilidades para os seus projetos de vida.** Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), DER, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2008. Disponível em: <http://www.tede.ufv.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1558>. Acesso em: 1 ago. 2010.

MORGAN, D. L., R. A. KRUEGER, et al. (1998). **Involving community members in focus group.** Thousand Oaks, Calif. :, SAGE Publications,.

NEUMAN, W. L. (1999). **Social Research Methods** - Qualitative and Quantitative approaches. Needham Heights, University of Wisconsin.

OCB. **História.** Disponível no site: http://www.ocb.org.br/site/ramos/agropecuario_historia.asp. Acessado em 05/09/2012.

OLSON, M. **A lógica da ação coletiva: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais.** São Paulo: EDUSP, 1999, p. 11-73.

ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. O. **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa.** Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SEBRAE. **Cooperativismo.** Disponível no site <http://www.sebraemg.com.br>. Acessado em 05/09/2012

WALKER, D. H., S. G. COWELL, et al. (2001). "Integrating research results into decision making about natural resource management at a catchment scale." **Agricultural Systems** 69(1-2): 85-98.

WARWICK, D. P. and C. A. LININGER (1975). **The sample survey: theory and practice.** New York, McGraw-Hill.

ZIMMERMANN, M. H. e P. L. O. MARTINS (2008). **Grupo Focal na Pesquisa Qualitativa: Relato de experiência U. E. d. P.** Grossa. Ponta Grossa - PR, UEPG.

Trabalho recebido em 20 de setembro de 2012
Trabalho aprovado em 19 de dezembro de 2012